

DOCUMENTAÇÃO

A ameaça terrorista de matriz islâmica

Embora o Islão se divida em diversas denominações que adotam muitas vezes posições divergentes, nos últimos tempos a ameaça terrorista no mundo ocidental é sobretudo de matriz islâmica. Com o aparecimento do Estado Islâmico e o seu domínio de parte do Iraque e da Síria, o extremismo adota um projeto geopolítico mais amplo no cenário do Médio Oriente. Mas, graças ao acordo nuclear com o Irão, o Ocidente pode encontrar um aliado estratégico na região, segundo pensa Roberto Rapaccini neste artigo publicado originalmente em “**Stu-di Cattolici**” (setembro 2015).

Até ao ano 2000, o terrorismo era visto na Europa como uma emergência exclusivamente nacional. Concretamente, a Espanha enfrentava o terrorismo da ETA, enquanto que a Grã-Bretanha tinha a problemática da violência na Irlanda do Norte. O terrorismo islâmico, seguido de perto pelos EUA, não era considerado na Europa um assunto de importância comunitária. As iniciativas da UE limitavam-se a supervisionar a situação nacional dos Estados membros. Mas o ataque aos EUA, em setembro de 2001, fez salientar que o terrorismo islâmico era uma ameaça de importância primária para todo o mundo ocidental, incluindo a Europa, como mais tarde o demonstraram os trágicos atentados de Madrid (2004) e Londres (2005).

A abordagem adotada pelos serviços de inteligência na análise do terrorismo é diferente da aplicada ao crime organizado. Também este último, para ser contrariado de modo efetivo, deve ser objeto de exame e estudo. Mas no caso do terrorismo, tem de se levar em conta que os fenómenos subversivos são geralmente o produto errado de uma ideologia e, portanto, o momento da análise é de primordial importância para a prevenção e repressão.

A sociedade islâmica está impregnada de uma religião especialmente invasiva, que expressa uma exigência de radical transformação das instituições em sentido confessional: consequentemente, embora o Islão e o terrorismo não se possam considerar diretamente relacionados entre si, percebe-se, todavia, que a fé muçulmana persegue um projeto político que pode constituir um terreno fácil para o nascimento de manifestações violentas. Deve assinalar-se, em primeiro lugar que, ao analisar a verdadeira atitude do Islão para com o Ocidente, deparamo-nos com a dificuldade do seu carácter heterogéneo. O Islão, de facto, não pode ser considerado como

uma múnada de traços definidos, pois divide-se em muitas denominações que, frequentemente, adotam posições divergentes entre si.

Os equívocos da jihad

O terrorismo islâmico é uma forma de pôr em prática a *jihad*. O termo traduz-se muitas vezes como “guerra santa”, significando com isso o recurso coletivo à violência para a submissão dos infiéis. De facto, *jihad* no árabe padrão significa genericamente máximo esforço e, frequentemente, é seguido pela expressão *fi sabil Allah*, que quer dizer “ao longo do caminho de Deus”; portanto, com esta frase, deveria entender-se a luta interior e individual que o fiel realiza em todos os momentos da vida para preparar a compreensão dos mistérios divinos e resistir às pulsões alheias ou contrárias à moral religiosa.

Por outro lado, a guerra santa em árabe não se designa por *jihad* mas por *al Harb al Qdsiyah*. Se se atribui ao termo *jihad* o significado de uma mobilização coletiva para a defesa do Islão, desde o fim do Califado em 1924, tem sido levantada a questão sobre que autoridade, enquanto guia da comunidade muçulmana, a pode declarar. Na ausência de um califa, somente os líderes políticos muçulmanos podiam ser depositários deste poder; era problemático, no entanto, identificar concretamente que líder muçulmano poderia ser considerado um *primus inter pares*.

Passando por cima da autoridade política dos estados muçulmanos ou da dos líderes religiosos, a Al Qaeda antes e agora o Estado Islâmico parecem ter-se atribuído o poder de proclamar a *jihad* contra os governos considerados anti-islâmicos, filo-ocidentais ou simplesmente corruptos e ateus; em geral, as suas iniciativas terroristas não têm fins locais (isto é, estrategicamente limitados ao impacto no contexto regional no qual se realizam), mas são proclamadas como um instrumento de um projeto geopolítico mais amplo. Pelo contrário, a maior parte das organizações terroristas islâmicas tem perseguido fins limitados ao território no qual os atos se realizam.

O Estado Islâmico, à frente da Al Qaeda

A publicação do relatório anual (do ano de 2014) do Departamento de Estado dos Estados Unidos sobre o terrorismo no mundo, contém um dado aparentemente trivial: a brutalidade do Estado Islâmico coloca o grupo jihadista à frente da Al Qaeda como líder do terrorismo global. Esta afirmação pode dar lugar a algumas reflexões sobre as estratégias dos grupos subversivos violentos. A iniciativa criminosa dos

movimentos de matriz islâmica, que muitas vezes tem caráter suicida, acontece geralmente no meio da população, causando de maneira indiscriminada muitas mortes de civis.

Este modo de atuar não é casual: estas iniciativas, que geram um risco ao qual estão expostos todos os membros da comunidade civil de modo indiferenciado, criam um sentimento geral de insegurança e de medo. Foi constatado que muitos movimentos terroristas de inspiração não islâmica planeiam atos criminosos com o fim de afetar somente objetivos pré-determinados (por exemplo, planeiam o assassinio de personalidades institucionais ou políticas), evitando cuidadosamente implicar civis de forma indiscriminada. O terrorista de matriz islâmica, pelo contrário, cria um sentimento generalizado de medo através do envolvimento amplo e indiscriminado da população civil; este modo de atuar radicaliza o conflito com o mundo ocidental, mostrando a ausência de interesse em chegar a uma pacificação.

Os eurojihadistas

O recrutamento de jihadistas na Europa é cada vez maior. É um tema complexo que não se pode subestimar reduzindo estes casos a situações de falta de integração dos novos imigrantes. O fenómeno refere-se tanto aos novos convertos de nacionalidades ocidentais, como aos imigrantes de segunda geração, nascidos e criados no Ocidente. São irrelevantes as classes sociais de origem: uma investigação sociológica pôs em evidência a falsidade do chavão segundo o qual o terrorista seria indigente ou pertencente às classes mais desfavorecidas; comprovou-se que alguns autores de atos criminosos de matriz islâmica tinham completado estudos universitários, enquanto outros tinham trabalho fixo, em certos casos, de bom nível.

No passado, o recrutamento de potenciais terroristas realizava-se através da aproximação ao radicalismo islâmico no seio do ambiente familiar ou através de amigos. Se o jovem se mostrava sensível, a sua formação tornava-se mais incisiva com o objetivo de convertê-lo num *muyahidin*, num combatente jihadista. O ambiente mais habitual destas iniciativas era constituído pelas mesquitas, que não são só lugares de culto, como âmbitos nos quais, no plano local, se organiza uma parte importante da vida social, têm lugar eventos de convívio e se reforçam os sentimentos de solidariedade entre os muçulmanos. A visão fundamentalista – geralmente de tipo *salafista* – induzida nos jovens, é um terreno fértil para que se forme a convicção do dever de ir combater na Síria ou no Iraque para apoiar o Estado Islâmico, a vanguarda da *jihad* global. A esta fase segue-se o contacto direto com um membro ativo da subversão para dar resposta às aspirações do recém-filiado, proporcionando-lhe o apoio material necessário.

Atualmente, esta prática tornou-se mais arriscada e menos eficaz em resultado das atividades preventivas dos serviços de inteligência, e acrescentou-se-lhe a propaganda na *web* de pregadores especialmente carismáticos. (...) As páginas *web* são preparadas com muito cuidado, com vídeos e imagens pensados para provocar a rejeição da cultura ocidental, traidora e infiel, e considerar a guerra a favor dos irmãos muçulmanos em dificuldade como uma obrigação para o verdadeiro crente.

O recrutamento de jihadistas não é um fenómeno de massas, e limita-se aos jovens particularmente desorientados pelo relativismo dominante. O Estado Islâmico, com o seu eficaz aparelho de propaganda, oferece como alternativa, sólidos princípios forjados na sua propensão para a certeza fácil. De modo mais ou menos consciente, alguns jovens sentem que a insegurança gerada pela crise de identidade pode ser superada através da sua integração num grupo cuja coesão é dada pela fé.

A génese da ameaça fundamentalista

A atualidade acostumou-nos a considerar como natural o confronto político com os países islâmicos. Na realidade, esta situação tem uma origem recente. Até aos anos 70, de facto, a cultura muçulmana era motivo de atenção somente para os estudiosos da matéria, enquanto a maioria das pessoas, imersa no seu próprio etnocentrismo, observava com desapego e com curiosidade superficial um mundo caracterizado por costumes tão diferentes dos nossos; o seu interesse centrava-se exclusivamente nas aparências, nas superestruturas, nos aspetos exóticos.

Os árabes que então emigravam para os países europeus tentavam integrar-se, abandonando espontaneamente o costume de usar o vestuário tradicional, enquanto que hoje o retorno ao uso do *niqab*, do *chador*, da *burka* e do *qamis* se converteu num meio para expressar a rejeição da homologação ocidental.

O Islão, nesses dias, não tinha um valor político; na Turquia, desde o tempo de Kemal Atatürk, e no Irão, governado pela família Palhevi, havia processos de modernização e ocidentalização, enquanto que nos países árabes, a começar pelo Egito de Nasser, se afirmava um socialismo de cunho secular. A situação começou a mudar em 1979 com a Revolução iraniana de Khomeini, que indicava uma *via muçulmana para o futuro*, que não coincidia com um regresso ao passado, mas que, pelo contrário, aspirava a construir um futuro alternativo. (...) Desde então, o Islão converteu-se numa realidade geopolítica em confronto com um Ocidente agnóstico (incorretamente definido como *cristão* pela propaganda fundamentalista). Os países islâmicos saíam de um anterior *eclipse do sagrado*. Esta mudança de importância histórica, que não foi bem compreendida, converteu-se em terreno fértil para a génese da ameaça fundamentalista e terrorista de matriz islâmica.

Irão, aliado estratégico do Ocidente?

O acordo assinado a 14 de julho depois de prolongadas negociações entre os chamados 5 + 1 (ou seja, os membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU + Alemanha, como representantes da comunidade internacional) e Irão, tem uma grande importância histórica com prováveis repercussões sobre a ameaça terrorista de matriz islâmica. O Irão é considerado como um país patrocinador do terrorismo, enquanto comprometido em comportamentos perigosos e destabilizadores do Médio Oriente: contribui para sustentar o regime de Assad na Síria, apoia o Hezbollah no Líbano e o Hamas na Faixa de Gaza, ajuda os rebeldes *houthi* no Iémen.

O acordo tem como objetivo principal o controlo do programa nuclear do Irão: os organismos responsáveis poderão verificar que é dirigido para fins civis e, como contrapartida, serão suprimidas as sanções que pesam sobre o Estado persa. A principal consequência será a entrada no mercado do petróleo iraniano, com queda dos preços e outros efeitos não de todo imagináveis. O Irão, de facto, sai do isolamento a que o haviam relegado o embargo e a interrupção das relações comerciais, para voltar a ser um interlocutor normal do Ocidente.

No contexto geopolítico atual, é uma grande notícia: o Irão poderia ser, numa perspetiva estratégica, esse aliado no mundo islâmico de que o Ocidente tem uma necessidade vital. Em primeiro lugar, a sua adesão ao tipo xiita do Islão faz com que seja um sócio fiável para contrariar o Estado Islâmico e, sobretudo, a ambiguidade do mundo islâmico sunita, cujas atitudes de condenação do Estado Islâmico, muitas vezes não correspondem aos factos: alguns componentes das monarquias sunitas do Golfo proporcionam apoio económico, militar e político ao fundamentalismo que tem a sua ponta de lança no Estado Islâmico. Além disso, o atual governo da República Islâmica do Irão é sólido, moderado e reformista, e está a valorizar os progressos no campo das liberdades civis que foram objetivos do passado líder Khatami, o qual com a sua presidência fez pensar na chegada de uma possível primavera do Irão, abortada com a ascensão de Ahma-dinejad.

A população persa, em termos substanciais está secularizada, e conserva um substrato cultural ocidental. No entanto, não deve-mos esquecer que a complexa arquitetura de via dupla desse país prevê no governo, além de um vértice civil, o presidente Rouhani, um líder religioso, o ayato-llah Khamenei, expressão do espírito conservador teocrático e travão real do progresso. (...) Deve reconhecer-se a Obama ter conduzido as negociações completando este projeto, apesar da hostilidade manifesta de Israel e da menos aparente das tradicionais aliadas monarquias sauditas que receiam a ascensão da potência iraniana na região do Médio Oriente. (...) (“Aceprensa”, “Ante el acuerdo nuclear con Irán: Crece la desconfianza en Oriente Medio”, 20.7.2015).

Terrorismo franchising

Em junho de 2014, Abu Bakr al-Baghdadi, conhecido como o *xeque invisível* e guia do Estado Islâmico, declarou a instituição de um califado – denominado Estado Islâmico – nos territórios ocupados na Síria e no Iraque, com o objetivo de estender a sua autoridade sobre todas as terras habitadas por muçulmanos. As relações entre o Estado Islâmico e a Al-Qaeda não são claras: por um lado, tem-se falado da sua rivalidade na liderança do jihadismo mundial – também relativamente à sua diferente visão estratégica, pois a Al-Qaeda dá prioridade ao ataque contra o inimigo externo, isto é, contra o Ocidente, enquanto que o Estado Islâmico dirige a sua atenção para um projeto de homologação do universo muçulmano de acordo com os seus ditames; por outro lado, de uma aliança, ou mais concretamente, da sua possível fusão (ou melhor, a Al-Qaeda estaria disposta a confluir no Estado Islâmico), com resultados devastadores e lamentáveis para um Ocidente assediado pela ameaça dos terroristas islâmicos.

O Irão continua a ser o verdadeiro aliado do Ocidente contra o Estado Islâmico, apoiando um exército iraquiano que se desmorona pouco a pouco e perde as suas capacidades defensivas e ofensivas reais. Perante o Estado Islâmico, alguns países do Golfo, apesar de uma declarada e débil hostilidade de fachada, mantêm uma atitude ambígua e um provável apoio financeiro. A falta de iniciativas concretas para combater o Estado Islâmico por parte dos Estados Unidos e Europa, que contemporizam perigosamente, dá lugar à suspeita de que existe um interesse não declarado de alguns países a favor da existência do Estado Islâmico, mesmo que em termos territorialmente e militarmente contidos.

Na complexa região do Médio Oriente, de facto, a presença do Estado Islâmico sunita pode ser um instrumento para contrariar e equilibrar a potência emergente, a República xiita do Irão, que devido ao acordo sobre a questão nuclear e a revisão das sanções, está destinada a recuperar todo o seu anterior peso político. Hoje, os atos terroristas imputáveis à matriz jihadista são feitos muitas vezes por células independentes que se Auto acreditam como expoentes de uma determinada organização. Fala-se de *franchising* do terrorismo. Por outras palavras, o terrorismo islâmico parece estruturado verticalmente do ponto de vista da tomada de decisões, e horizontalmente de um ponto de vista operacional e executivo. Esta característica converte, de facto, uma organização terrorista centralizada com objetivos globais em perigosas agências nas diversas áreas do mundo com objetivos locais e imprevisíveis.

R. R.